



VISTA DE GIEN SOBRE O LOIRE.

O Loiret, um dos menores rios da França, pois que tem apenas duas leguas de curso, dá comtudo o seu nome a um dos departamentos centraes; é assim chamado, como diminutivo, em relação ao magnifico Loire, que corta este reino em duas porções quasi eguaes e faz communicação entre o Mediterraneo e o Oceano por meio do canal de Charolles que o liga ao Saône, o qual lançando-se no Rhodano vae com elle ao Mediterraneo.

O Loiret procede de dois mananciaes mui copiosos, um dos quaes borbulha do chão e tem uma profundidade que não foi possível sondar; é tão abundante de aguas na sua origem como no sitio onde se perde no Loire, com o qual também communica subterraneamente; já se vê que apesar de pequeno possui notaveis particularidades.

O departamento do Loiret é formado do antigo Orléannais e de um fragmento de Berry, e comprehendendo quatro *arrondissements* (1), Orléans, Montargis, Pithiviers, e Gien.

A cidade de Gien é situada ao sueste de Orléans, nos confins das antigas provincias de Berry e Or-

léannais, sobre uma collina alongada, por onde vem descendo com garbo em forma de amphitheatro até o Loire; do meio do seu caes, vasto e de aspecto monumental, parte a ponte que conduz á estrada de Berry; são deliciosos os passeios em seus arredores. Collocada tão favoravelmente, bem pudera ser centro de consideravel commercio; mas quasi que não tem actividade industrial; dir-se-hia que se reputa rica pela belleza da situação e suas recordações historicas.

Gien viu successivamente Carlos Magno, Hugo Capeto, Filippe Augusto, Carlos VII, Francisco I, Luiz XIII, e Luiz XIV, habitarem no seu recinto. Quando Carlos Magno resolveu residir aqui mandou construir um castello bem fortificado, parte do qual se conserva em pé, e a bella igreja collegiada da invocação de S. Luiz; então a cidade estava obra de meia legua do assento onde ora jaz, como attestam antigos alicerces que se acham em muita extensão em torno do caminho que segue para o Loire. Construido o castello, o povo se aproximou a pouco e pouco, buscando protecção contra os vexames que lhe causavam os senhores d'aquelles contornos.

Gien teve seus condes, e parece que foi o primeiro Estevão de Vermandois, descendente de Pepino, fi-

(1) Districtos, ou subdivisões de departamento, que tem por cabeça a sede de uma sub-prefeitura.

Iho de Carlos Magno. Hugo Capeto, que teve de pôr cerco a Gien, remunerou com o feudo d'este condado um de seus capitães que mais se distinguira no assedio; passou depois por matrimonio para a casa de Borgonha, onde andou muito tempo até que um dos duques o deu em presente ao bispo de Auxerre. Mas, como os reis de França cubicavam sempre este pequeno diamante alienado do apanagio real, Philippe Augusto não pôde resistir á tentação de o tomar e reuniu-o novamente á corôa: para attrahir a si os habitantes concedeu-lhes muitos privilegios e aboliu algumas das praticas servis estatuidas pelos bispos.

O condado de Gien continuou propriedade particular dos reis até Carlos VII que d'elle fez doação a Dunois para premiar sua fidelidade e coragem. D'esta cidade partiu aquelle monarcha, cedendo ás instancias de Joanna d'Arc, a fim de conquistar Rheims e ahi sagrar-se. Por morte de Dunois, o feudo voltou á corôa, á qual pertenceu até Luiz XIII que o deu ao conde de Chevreuse em troca do vicariato de Chateau-Renard.

O castello edificadado por Carlos Magno não passou por esta successão de seculos sem soffrer consideraveis modificações. Tendo sido reparado e accrescentado por Anna de França em 1494, novamente o foi d'ahi a pouco tempo por Francisco I, que muito gostava d'esta residencia.

Em 1652 Luiz XIV fugindo ás tropas de Condé fez aqui alto, e depois partiu precipitadamente, escapando a seu inimigo por uma especie de milagre. Na revolução do seculo passado, a velha torre feudal passou a propriedade do estado, e mais tarde foi comprada á custa do departamento, que assegurou a conservação do edificio collocando n'elle a repartição do *mairé* e os tribunaes.

Durante as guerras do fanatismo, Gien abraçou a reforma com decidido phrenesi; logo em 1535 os protestantes ahi tiveram templo; Lutero veio pregar a esta cidade, onde tambem residiram Calvino e Theodoro de Beza. Depois de abafada a reforma, o animo inquieto dos habitantes de Gien lançou-os nas apaixonadas discussões do jansenismo e do molinismo.

Proximo de Gien, n'um passeio aprasivel, vê-se uma casa mui curiosa, que é conhecida pela denominação de *casa dos templarios*, posto que não fosse construida pelos cavalleiros d'esta ordem; é de mais antiga origem; julga-se ter sido primitivamente destinada ao culto hebraico, e até logo nos primeiros annos immediatos ao estabelecimento do catholicismo. Mostram ali vastas catacumbas, onde se diz que viveram e morreram occultos os judeus que fugiram á perseguição.

A extravagante architectura do edificio presta-se a todas as conjecturas. Como quer que seja, foi successivamente occupada por templarios, monges, conegos, veiu depois a ser quartel de gendarmes, e agora serve de estalagem ás collecções de animaes ferozes que se mostram de terra em terra, aos theatros de feira, e pelotiqueiros ambulantes.

M.

A Deus é mais acceito o casado virtuoso, que o celibatario vicioso.

No estado febril dos amantes, o ciúme causa o delirio.

O trato amavel, e civil, produz amizades, e destroe inimizades.

Quando impera a colera, fica escrava a reflexão.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ PORTUGUEZA.

IX

(Conclusão.)

—O segundo dos vossos deveres é uma protecção efficaz a cada um dos vossos consocios por mais negro que seja o seu crime, comtanto que não seja contra a nossa sociedade; que lhe deis todos os soccorros possiveis na sua pobreza, de tal sorte que se vosso pae carecer de soccorros e um dos vossos associados os reclamar tambem, deis a preferencia a este sobre vosso pae, e excluindo-o mesmo se não estiverdes em estado de os dar a ambos. Reconheceis este vosso dever?

Ondotó hesitou em responder a uma proposta tão immoral. Desejava dar-lhe um não redondo, mas temia fazel-o com receio de contrariar Boukari, mas ouviu dizer-se-lhe ao ouvido, *reconheço*, e pareceu-lhe que era Boukari quem lhe insinuava a resposta.

—Reconheço, respondeu elle, com voz abafada.

—Muito bem. Compreendo a vossa hesitação, mas lembrae-vos que isto que talvez vos repugna, é o que hade assegurar a vossa protecção quando enreças d'ella.

Agora o terceiro dos vossos deveres é uma obediencia cega e absoluta a tudo o que vos ordenarem os vossos superiores, a quem unicamente pertence o direito de pensarem por vós, quando fallam em nome da respeitavel assembléa a que desejaes unir-vos. É necessario sujeitar-vos em tudo, e a tudo que elles vos determinarem: estaes resolvido a fazel-o?

—Estou resolutto.

—Está bem; mas isso não nos basta, queremos um juramento sagrado, e para isso hade ser feito pela sagrada taça, que descobre os traidores. Se tendes tenção de cumprir o vosso juramento podeis beber sem receio, mas se procuraes com dissimulação surprehender os nossos segredos, então não jureis, porque a bebida que se acha na taça tornar-se-hia amarga e venenosa ao entrar na vossa bocca e morrerieis. Estaes promptto a jurar?

—Sim, senhor.

—Aproximae o aspirante do altar.

Uma mão toma a de Ondotó, que segura, faldar alguns passos para a frente, e larga-lh'a. Ondotó pára.

—Irmão sacrificador, apresentae ao aspirante o vaso sagrado, tão fatal aos perjuros.

O tal sacrificador apresentou-lhe uma taça d'agua com um pouco de mel d'abelhas em dissolução, e quando Ondotó levando-a aos labios a provou, e se preparava a beber-a depois de ter dito com o seu interlocutor:

—Juro pelo liquido que contém esta taça... (deitou-lhe d'um frasquinho um pouco d'um liquor avermelhado escuro, que era feito de infusão de casca de bicilão, que lhe dá um amargor infernal, quando o homem que estava no throno lhe fez o signal, ás palavras)... que se é a curiosidade ou outro peor sentimento que aqui me conduz, elle se me torne amargo, e que o seu effeito me seja mortal.

Ondotó bebeu tudo o que se achava no vaso apesar da amargura da bebida, que não esperava achar.

Souu-lhe na frente uma forte pancada, que foi repetida primeira e segunda vez por detraz d'elle, e logo em seguida o seu interlocutor falla-lhe assim:

—Que vejo! alteram-se-vos as feições? A vossa

consciencia desmentirá porventura as palavras que pronunciastes? — Retirae o profano.

Levam-n'o d'ali, e sentam-n'o. A mesma voz diz-lhe:

— Se tendes o designio d'enganar-nos, ainda é tempo de retirar-vos; mais tarde nada poderá salvar-vos das nossas mãos; nos braços de vossa mãe, entre os carinhos de vossa esposa, no santuario mesmo de Meca, lá saberia achar-vos a ponta do nosso punhal cravado por uma mão invisivel, talvez a do vosso melhor amigo, e mesmo a de vossa mulher; porque nenhuns meios achamos maus quando queremos conseguir um fim. Que dizeis?

— Que persisto em querer ser dos vossos, porque a consciencia de nada me accusa,

— Pois bem, levae-o então ao logar das reflexões, irmão sacrificador: entregae-o á sua consciencia, e se elle insistir, conduzi-m'o aqui pela estrada da meditação.

O que se chamava irmão sacrificador obrigou-o a erguer-se, fêl-o dar uma pirueta, alguns passos n'um sentido e outros n'outro, e depois mandou-o sentar. No fim d'algum tempo, a mesma voz fallou-lhe assim:

— Já tivestes tempo para reflectir. O que decidis de vossa sorte? Quereis voltar ao mundo profano, ou persistis em ser dos nossos?

— Reflecti, e continuo na mesma resolução.

— Pois bem, conduzi-m'o, e velae em que lhe não aconteça desastre.

Uma forte pancada poz o sello a estas palavras; e logo duas outras pancadas, que soaram não já por detraz, mas ao lado de Ondotó, á esquerda e á direita, responderam áquella.

Apoderam-se de Ondotó, a quem obrigam, aqui, a dar um salto para salvar um *abysmo* aberto a seus pés; ali a abaixar-se muito, porque está ali um *precipicio*, que provavelmente por artes magicas lhe passou para por cima da cabeça; mais adiante a voltar o rosto para lh'o não queimarem as chammas que vomita uma certa caverna que tem de atravessar; e um pouco depois a curvar a cabeça para que as torrentes de agua que despede um ceo tempestuoso lhe não açoitem o rosto; já cansado, e suando suspirava pelo descanso, quando uma voz de trovão lhe grita, como já duas vezes antes lhe tinha gritado, mas agora em portuguez-crioulo:

— Quem vem lá.

Ondotó estremeceu! pareceu-lhe ouvir a voz da sentinella do portão de Bissau; mas depressa recuperou a presença d'espírito lembrando-se que só por artes do diabo podia transpor em tão poucos minutos mais de doze dias de viagem precipitada; mas isto levou algum tempo, e quando ia responder, ouviu que outra pessoa respondia.

— Benne Koresse ineiaia rack-gour (É um profano que procura ser irmão livre) foi como das outras duas vezes a resposta que se deu.

— E como se atreve a tanto?

— Como nasceu livre e independente quer tambem morrer independente e livre.

— Está prompto a combater onde quer que os encontre os obstaculos que se oppõe a isso?

— Elle já calcou aos pés os deveres artificiaes, abandonou todas as superstições, e jurou-lhes guerra de morte como deve um verdadeiro filho da natureza.

— Pois que assim é, passe.

E annunciou-se que a terceira viagem estava terminada, como se tinham annunciado as duas antecedentes.

Então a voz que lhe tinha já fallado por tantas vezes, fez-se de novo ouvir para lhe explicar d'essas viagens o que podia ter explicação: e continuou assim:

— A ordem a que desejaes pertencer pode vir a precisar do vosso sangue: se vos julgaes com animo de lh'o offerecer, ella reclama de vós, como primicias que as obrigações que ides contrahir sejam escriptas com o que agora sair de vossas veias. Consentis n'isso?

— Consinto.

— Em que parte do corpo quereis então que se vos abra a veia?

— Não no braço direito, que me pode ser preciso: mas fora d'ahi onde quizerdes.

Vozes: no braço esquerdo.

— No braço esquerdo; seja.

— Irmão cirurgiaão fazei o vosso dever; proporcionae comtudo a grandeza do sacrificio ás forças do candidato. Nós confiamos na vossa prudencia.

Ajustam-se ataduras, como se o fossem sangrar. Um dos circumstantes pica-o com um pau aguçado no sangradoiro, em quanto outro lhe deita agua tepida sobre o braço por uma especie de bule. Terminada esta ridicula farça, que não fica a dever nada á da transformação da agua, de doce em amarga: —

— Já triumphastes, lhe diz a mesma voz, de muitas difficuldades, mas ainda restam outras. Quem entra n'esta ordem faz abnegação de si mesmo, e fica pertencendo a uma associação que estende os seus ramos por todo o universo; para que todos vos conheçam por tal deveis ser marcado com um sello emblematico, feito em prata, que tem de ser-vos applicado em brasa sobre o hombro direito para que fiqueis com uma marca indelevel que vos autorise a dizer, mostrando-a: *Tambem sou Rack-gour*.

— Estou prompto.

E logo descobrem-lhe o hombro direito, e apagando uma vela que ardia desde o principio das viagens, applicam-lh'a com o murrão em brasa e a cera quente em cima, o que lhe causou uma dor tão forte que o braço estremeceu.

Apoz d'isto, diz-lhe a mesma voz:

— Ides receber o premio que merecem vossa firmeza, vosso valor e vossa constancia. Entregae, irmão sacrificador, o profano ao primeiro Magué para que elle o ensine a dar o primeiro passo no angulo do quadrilongo, e encaminhae-o depois ao altar dos juramentos para prestar a sua obrigação.

Feito isto, diz o conductor:

— O profano já sabe marchar no caminho da virtude.

— Aproximae-m'o. Em pé e á ordem. O iniciado vae prestar o seu terrivel juramento. Ajoelhae, profano, e repeti comigo:

— «Juro e prometto de minha livre e espontanea vontade em presença de Allah, o grande architecto do universo, e de seu unico propheta Mahomet, que elle proteja, e diante d'esta respeitavel assembléa de Rack-gour, não revelar nenhum de seus mysterios por mais horriveis que me pareçam:

«Juro e prometto e sinceramente de nunca os escrever, gravar, pintar, ou por qualquer outra forma divulgar: de pôr a minha vida, a minha bolsa, a minha reputação, o meu braço, a minha propria familia á disposição dos meus superiores legitimos para tudo o que fór a bem da ordem:

«Consinto, se alguma vez por maldade, por imprudencia, ou por fraqueza atraiçoar a ordem, ou deixar de cumprir todos ou algum dos deveres a que

«Cabo de ligar-me explicita ou implicitamente; que a lingua me seja arrancada, a mão decepada, e o pescoço cortado, e que sejam esses membros queimados e as cinzas lançadas ao vento, ou enterrados nas areias do mar, onde o fluxo e o refluxo me apaguem da terra, para que de mim não fique memoria nenhuma entre os homens. Assim Allah e o seu propheta me ajudem.»

Dão depois a Ondotó o Alcorão, que elle beija tres vezes por uma e duas.

— Irmão mestre de ceremonias, conduzi o candidato entre columnas.

Bate uma pancada, e Ondotó sente que lhe desatam um dos nós da venda que tem sobre os olhos.

Segunda pancada, e desata-se-lhe o segundo nó.

Terceira pancada, retiram-lhe a venda.

Todos estes homens com as mascaras sobre o rosto e as espadas apontadas ao peito, allumiados apenas por a claridade incerta d'uma alampada que pende do tecto quasi por cima da cabeça de Ondotó, representam um quadro assustador: mas o papel olha para elles com ar impassivel, e só um pouco enjoado de tanta momice.

A sala é a mesma em que tinha tido logar a scena do decapitado que agora se não renovou.

Do meio d'este grupo diz-lhe a voz que tantas vezes lhe tinha fallado:

— Este clarão pallido e lugubre é o emblema do fogo sombrio que hade allumiar a vingança que preparamos aos covardes ou traidores que perjuram. Estas espadas estão nas mãos de inimigos irreconciliaveis, promptos a embainhal-as no vosso peito se nos trahirdes. Não ha logar, por occulto ou sagrado que seja, onde nos escapeis; a nossa ferocidade saberá ir lá procurar-vos para se cevar no vosso cadaver. Podeis retirar-vos.

Tapam outra vez os olhos de Ondotó, e levam-no ao quarto onde esteve quando o fizeram entrar n'aquella casa; e ali desvendaram-no para tornar os seus vestidos ao estado habitual.

Depois que se vestiu tornaram a tapar-lhe os olhos, e o conduziram para outra sala; e apenas chegou, ouviu que se dizia:

— Irmão primeiro Magué, sobre quem se apoia uma columna d'este templo, agora que a coragem e a perseverança do candidato o fizeram sair vencedor do porfiado combate entre o velho homem, o homem das abusões e da cegueira, e o homem da regeneração, dizei-me se o julgaes digno de ser admittido entre nós.

— Sim, veneravel Fitanon.

— Pedis então alguma coisa em seu favor?

— Sim, se me daes essa permissão.

— Então o que é que pedis?

— Que se lhe dê a luz, que sae do vosso rosto resplandecente.

— Seja como dizeis, se elle o requerer. O que pedes, o que procuras?

— A luz.

— Pois dê-se-lhe a luz ao terceiro golpe do macho.

Ouve-se a primeira pancada, e a segunda. . . . ao tempo que soa a terceira, a venda cae por terra, e ouve-se uma voz bradar:

— Assim passam as glorias d'este mundo.

Uma claridade repentina obriga Ondotó a fechar os olhos, abre-os depois pouco a pouco, e põe-se a olhar espantado pois nunca tinha visto espectáculo mais bonito do que este que se lhe apresentava.

Toda a sala estava forrada de carmezim, sobre as

paredes da qual havia placas de espelho com tres velas acesas em cada uma. Em volta da sala corria um estrado sobre o qual estavam bancadas de um lado e outro onde se assentavam os membros da associação, todos cobertos e com fitas umas azues, outras pretas, ou vermelhas ou verdes, postas a tiracollo, com aventaes brancos por diante do ventre, guarnecidos com fitas das mesmas côres, e ornatos de diversos feitios; e em bancadas inferiores, outros descobertos, e só com os aventaes, uns guarnecidos, outros só brancos. Todos estes tinham nas mãos espadas cujas pontas estavam voltadas para a terra. No topo da sala erguia-se um throno de tres degraus com um sumptuoso docel, em pavilhão, e uma cadeira doirada por diante da qual estava uma mesinha triangular, e n'ella uma serpentina com tres luzes, e mais abaixo uma especie de pyra, sobre a qual se via o Alcorão e uma espada. À direita da cadeira, a mais de meia altura da parede, brilhava um sol de oiro sobre um fundo azul claro, e á esquerda uma lua de prata resplandecendo sobre azul ferrete tuxeado d'estrellas, e orlado de grossas nuvens. Por baixo achavam-se em banquetás sentados alguns individuos cobertos com uma larga banda preta a tiracollo, cingidos com uma facha da mesma cor e com um punhal pendente da banda, e empunhavam uma espada que mostrava a ponta para o tecto. A um lado e outro, encostadas a uma teia, estavam duas grandes bancas triangulares, sobre uma das quaes se achavam alguns rolos de pergaminho, e sobre a outra alguns papeis, e mais um tinteiro. Ambas estas mesas supportavam cada uma a sua serpentina com tres velas acesas; e sentados a cada uma dois homens, que não tinham espada.

Eguaes mesinhas e serpentinias figuravam a um lado e outro da porta (na frente da qual estava Ondotó com os seus introductores) pelo lado de dentro de duas columnas, uma das quaes tinha no fuste gravada a letra B, com uma romã aberta sobre o capitel; e a outra que no fuste mostrava a letra I sustentava no capitel uma esphera. O chão era marchetado com quadrados brancos e pretos, como um taboleiro do xadrez, ou das damas.

Ainda Ondotó estava entregue á admiração que lhe causava um espectáculo tão novo, e deslumbrante, quando ouviu que a voz do homem que se sentava no throno lhe fallava assim com uma mui grande affabilidade:

— Já não podem assustar-vos as espadas apontadas contra vós, como as vistes ha pouco. Agora eil-as que vos asseguram protecção, se como esperamos ratificardes o vosso juramento e lhe fordes fiel. Desde então soará para vós a hora da amizade e da fraternidade, que conquistastes e que sem duvida conservareis. Estaes prompto a ratificar o vosso juramento?

— Sim.

Então aproximae-vos, e vinde sem susto.

Ondotó foi chegando, o homem que estava no throno desceu d'elle para se aproximar da pyra; e então tornou-se bem visivel para Ondotó, que apenas o viu correu para elle com os braços abertos, pois era...

Valerio em pessoa.

SOUSA MONTEIRO.

O commercio licito raras vezes produz fortunas colossaes.

A aspereza de genio repelle; a bondade affeiçoa.



Se o homem tendo agarrado a fortuna a deixa fugir das mãos, debalde corre depois atraz d'ella.

Este emblema é analogo ao da occasião, que Phedro descreve na fabula oitava do livro v. Pinta-se um homem correndo tão veloz que passa sem cortar-se pelo gume de uma subtil navalha; calvo atraz, e com farripa por diante; se alguém obtiver agarral-o pela guedelha, é preciso sustel-o com vigor, porque deixando-o escapar a primeira vez, nem o proprio Jove poderá pilhal-o. Este homem significa que a occasião não tem de duração mais que um momento. Os antigos inventaram tal figura para ensinar que qualquer demora, por pequena que seja, é bastante para impedir os effeitos das maiores empresas.

M.

UNIVERSIDADE DE LISBOA.

(Fragmento d'um capitulo d'uma obra inedita.)

«Foi a primeira que houve em Portugal, e a primeira tambem que se creou na Peninsula por bulla pontificia. Fundou-a el-rei D. Diniz no anno de 1290 em edificio expressamente feito para esse fim no sitio então chamado a *Pedreira* (1), junto ao qual se construíram mais tarde as *portas da Cruz*. Ali esteve a Universidade até 1308 em que o mesmo soberano a mudou para Coimbra. El-rei D. Affonso iv transferiu-a de novo para Lisboa em 1338, e tornou a mudal-a para Coimbra em 1354, transferindo-a outra vez el-rei D. Fernando em 1377 para a sua primitiva sede. Ahi se conservou até 1431 em que o illustre infante D. Henrique, que residia em Sagres, no Algarve, todo entregue aos descobrimentos, e navegações, sabendo que a Universidade estava mal accommodada por andar por casas de aluguer em razão do estado de ruinas do primitivo edificio, que durante a estada em Coimbra das escolas servia de casa da moeda, fez-lhe doação do seu palacio de Lis-

boa, (2) para onde a Universidade se passou immediatamente, e onde permaneceu pelo espaço de 136 annos, até o de 1537 em que D. João iii a collocou novamente em Coimbra, e foi esta a sua ultima mudança.

«D'estes paços do infante D. Henrique, que el-rei D. Manuel augmentou em 1503, e que o terremoto de 1755 destruiu, restam ainda preciosas reliquias, que se podem ver na rua das Escolas Geraes, á qual deram o nome, dentro d'um pateo hoje chamado *dos Quintalinhos*, fronteiro á casa dos srs. viscondes de Balsemão. Não consiste a preciosidade de taes reliquias em primores d'arte, mas na alta valia de duas grandes memorias historicas, que se juntam e abraçam: a fundação da Universidade de Lisboa, uma das primeiras que houve na Europa; e a residencia do principe, que impellindo os portuguezes para as grandes descobertas dos seculos xv e xvi, abriu as portas á moderna civilisação.

«A Universidade, passados tempos depois da sua ultima mudança para Coimbra, alienou os seus paços de Lisboa, que foram passando a diversos senhorios, mas que ainda eram habitados em 1755 morando n'elles monsenhor Amaral, quando succedeu o terremoto. Depois d'esta catastrophe foram-se edificando nas suas ruinas miseraveis casebres, que teem occultado algumas partes que escaparam do antigo edificio. Todavia ainda ali se vêem entre outros pedaços de construcção antiquissima duas portas muito curiosas pelos baixos relevos, que as coroam. Uma, que está no pateo, tem por cima uma pedra com esculpturas bastante gastas pelo tempo, mas que ainda deixa ver no centro uma figura humana sentada. A outra, que fica recolhida, para a qual se sobe por uma estreita escadã de pedra, tem igualmente por cima uma pedra mais pequena com uma simples figura em pé vestida de roupas compridas tendo por baixo uma fita com caracteres gothicos um pouco apagados. Tanto esta figura como a da outra porta

(1) Parece que estas casas estavam situadas no fim da calçada da Fundição, onde agora se vê o muro pertencente ás officinas do arsenal do exercito. Já no principio do seculo passado não restavam vestigios d'ellas.

(2) Logo depois, para que a Universidade ficasse com mais largueza e logradouro, comprou o infante umas casas, que pagavam com o seu paço, das quaes lhe fez doação. Pertenciam estas casas a D. Alvaro de Castro, que, vendendo-as «por 400 dobras de oiro bom» se deu por pago, recebendo «44 pannos de Castella.»

representariam talvez a *sapiencia* que era o emblema da Universidade, e as pedras em que estão esculpidas seriam ali collocadas depois da doação do infante D. Henrique pois que estão embebidas na parede, e sem ligação com o arco ogival da porta.»

Havia pouco tempo que acabamos de escrever esta succinta noticia, quando lemos um annuncio publicado no Diario do Governo em que se declarava em praça para se vender a propriedade na rua das Escolas Geraes denominada o *Pateo dos Quintalinhos*. Ahi vai pois naturalmente edificar-se uma nova casa. Lisboa terá em breve um predio de mais entre tantos milhares, que possui; mas contará de menos, entre as poucas que lhe restam, uma das suas mais honrosas antigualhas.

Se houvera entre nós aquelle verdadeiro espirito nacional, que se exalta quando o vem ferir algum raio de luz, embora fraco, das passadas glorias do paiz; se entre nós existisse o amor de patria, que faz pulsar de orgulho as nações, sempre que annunciam á memoria os feitos que enobreceram sua nação, dando nome e brazão á terra natal, estamos certos que a veneranda antigualha de que nos occupamos seria salva do exterminio, que lhe está propinquu, depois de ter passado por tantas injurias e devastações.

O pouco valor, que os terrenos teem n'aquelle sitio, e o estado de ruina do predio facilitam muito a aquisição. Assim o governo ou a camara podiam sem muito custo fazer sua aquella propriedade, e depois com modica despeza plantar d'arvores o pateo, e desaffrontar esses restos d'antiguidade das torpes e mesquinhas construcções, que as cercam e occultam.

D'est'arte a troco de bem exiguo sacrificio mostraria Lisboa com ufania aos estrangeiros, que a visitam, dois gloriosos padrões resumidos nas reliquias d'um só monumento. E padrões que fallam das mais subidas glorias de que se pode honrar a humanidade; pois que essas velhas paredes, que só parecem recommendar-se pela respeitavel côr, que os seculos imprimem nos monumentos, representam a Portugal em dois dos seus mais distinctos postos de honra na cruzada geral da civilisação.

Nos restos do edificio da Universidade avulta a idéa do primeiro grande impulso dado n'este paiz ás lettras e á instrucção publica em epoca ainda de ignorancia para a maior parte das nações.

Nas reliquias do paço do infante D. Henrique ergue-se com proporções de gigante o generoso pensamento d'essas primeiras descobertas, que serviram de principio e base á civilisação actual.

E será desfeito pelo alvião sacrilego semelhante padrão? Teremos de ver sepultadas em fundo cavouco aquellas pedras, já tão poucas, mas que assim mesmo commemoram aspirações tão elevadas, e feitos tão grandiosos? Talvez, e melhor diriamos — de perto — porque n'esta quadra em que vivemos os interesses materiaes são tudo, e os moraes bem pouco. Pois que assim terá de acontecer, fique ao menos registado aqui, n'este jornal todo consagrado aos interesses moraes do paiz, apar da memoria d'aquella antigualha o nosso protesto contra a sua demolição.

I. DE VILHENA BARBOSA.

ESBOÇOS CRITICOS.

POETAS PORTUENSES.

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

(Continuação.)

V

Não terminaremos esta ~~análise~~ do talento poetico do sr. Novaes, sem tocar um ponto que anda quasi completamente descurado pelos nossos criticos: fallamos das questões de forma. E effectivamente custa a conceber a pouca importancia que muitos dos nossos melhores analyistas litterarios dão a este objecto; e dizemos pouca importancia, porque seria difficil, e por certo injusto, filiar n'outras causas o silencio que se nota, na generalidade de seus juizos sobre os melhores poetas contemporaneos, em todos os assumptos que levam naturalmente a assentar as ~~teorias~~ e ~~preceitos~~ que determinam esta parte propriamente mechanica da arte. Pois se ha genero litterario, se ha manifestação de talento que se identifique, que dependa, e como que se consubstancie em todas as alternativas da forma, é a poesia. E é n'esta acceção restricta das condições de ~~mechanismo~~ e leis da versificação, que a vocação do predilecto das musas toma o nome de arte; arte, que tanto como a musica, como a estatuaria, como a pintura, lisonjeia os sentidos, e que está sujeita aos dictames do bello, por que a verdadeira poesia tem a sua harmonia propria nas combinações e bellezas rhythmicas, na fluencia sonora da metrificação, e toma o pincel arrojado dos grandes mestres para crear phantasticas perspectivas ou abrir o livro da natureza animada, não aos olhos, mas á imaginação dos poucos que a apreciam.

Mas estas questões deixa-as a critica entre nós passar á revelia. E não se pode attribuir senão a um tal desprezo (pois seria injuria a meritos consagrados chamar-lhe desconhecimento das regras mais importantes da poetica) o desfado, o descuido com que talentos promettedores se dão a divagar e percorrer os mais erguidos e deliciosos vergeis do Parnaso, sem curarem de obter diploma de admissão, passado na chancellaria de Apollo e referendado pelo concurso unanime das musas.

Deus nos livre de querer, por exemplo, collocar a poesia no mesmo paralelo da estatuaria, no que diz respeito ás leis que regem para a sua manifestação, porque estas leis partem justamente de principios inversos: a estatuaria pede á belleza, á verdade da forma a expressão completa da idéa, em quanto que na poesia é a idéa que inspira a forma e serve-se d'ella apenas como a luz do prisma para n'elle refranger as côres.

Uma depende da forma absolutamente, porque é nos segredos e combinações plasticas que o pensamento se revela e triumpho; a outra busca, como a douzella romana, que a seducção dos encantos proprios se imprima e deixe apparecer todó o attractivo atravez das ondulações e dobras da roupagem.

Comtudo a dependencia existe, e seria tão absurdo querer provar que os impetus da phantasia poetica se podem ostentar em toda a largura do seu vôo independentes dos processos puramente mechanicos da metrificação, como affirmar que na pintura as côres, e na estatuaria o cinzel, são uma superfluidade caprichosa que em nada concorre para os prodigios

Ha honras sem honra; assim como ha honra sem honras.

Quando os favores acabam, começa a ingratição.

da reprodução do ideal no marmore ou na tela. Pope e André Chenier devem talvez o mais legitimo titulo da sua gloria litteraria ao estudo profundo d'esta parte da arte; e entre nós Filinto se unisse ao arrojado pyndarico do seu engenho a fluencia e os segredos da harmonia de Bocage, não seria o Horacio portuguez só, como legislador fervoroso e discreto que deu impulso a uma grande regeneração litteraria, mas sel-o-hia tambem em relação a todos os outros dotes poeticos do lyrico romano.

E se ha quadra em que estes exemplos de desprezo ou *desprendimento* dos preceitos d'esta parte plastica da poesia, não possam merecer absolvição, é a presente; porque a mocidade portugueza tem no cantor dos *Ciumes do Bardo* um modelo de todas as bellezas de forma que podem dar relevo, vida e fogo ás mais ligeiras manifestações do estro.

Mas os bons exemplos no mundo das lettras sofrem o mesmo contra que se lhes depara no mundo moral: o mais que acham é apologistas e raras vezes seguidores. Todos admiram a fluidez e elegancia da metrificacão do sr. Castilho, a expressão onomatopáica das suas combinações phraseologicas, a propriedade e deducção das metaphoras, o brilho do verniz poetico de todos aquelles quadros, que nos contornos e colorido saem sempre tão inspirados da alma verdadeiramente poetica e nacional, mas poucos os estudam e rarissimos os imitam. Pois as galas, as elegancias e caracteristicos da poesia descriptiva, de raro se encontram mais opulenta e profusamente reunidos como nas obras do traductor de Ovidio. O pensamento ali reflecte-se puro e scintilante, voando nas azas da inspiração por cima de todas essas scenas da natureza que só á palheta dos genios privilegiados foi dado reproduzir. Os quadros succedem uns aos outros com o mesmo vigor de tinta, com a mesma firmeza e propriedade de toque, com a mesma variedade de contrastes, com igual harmonia de linhas; mas ahí jazem quasi que em solitaria exposição, como primores da escola florentina ou flamenga que sejam visitados pelos poucos engenheiros que se concentrem no culto da arte, em museu recolhido e recatado de vistas profanas.

Pela nossa parte protestaremos, seremos severos, inexoraveis até, contra esse espirito de insufficiencia, contra o desdem leviano que tem atacado muitos dos nossos melhores talentos e os instiga a voar sem primeiro lhes ter indicado o uso das azas.

Era por certo a critica d'estes espiritos audazes que Lafontaine fazia, sem o querer, na sua satyra ao astrologo, que não conhecendo o terreno que pisava tentava inquirir o dominio dos astros. Aquella queda no poço é muito frequente nos que hoje trepam as attractivas, mas alcantiladas e pedregosas ribas de Permesso. Ha inspiração e instinctos de originalidade, ha unção poetica em muitas d'essas obras que vêem presentemente a luz da estampa; mas a critica, a sincera e verdadeira critica, não pode deixar de lamentar, que faculdades tão auspiciosamente favorecidas pelos dons das musas se esperdicem e malbaratem sem que tenham procurado, nos recursos e estudo da arte, a natural e expressiva transubstanciação da idéa. Vemos ahí grandes espheras poeticas, e todavia raros são os bons versejadores.

Parece que a mocidade se dedigna de descer, como Cornelius e a sua escola, a essa parte que subjeta a potencia ideal aos preceitos mechanicos e artificios das leis technicas. Talvez seja por não quererem concretar, *humanisar*, esse dom divino. E todavia a poesia não é só o fogo interior que ateia a alma

nos seus mais sublimes effluvios, symbolisa-a tambem uma lyra. Tem a sua parte mechanica, positiva e material. Apollo sem essa lyra foi apenas o deus pastor que apascentava as ovelhas do rei Admeto. A inspiração e a harmonia, isto é o ideal revelado nas bellezas da forma, o pensamento traduzido nas sublimidades da phraseologia humana, é que resume o inspirado exercicio dos genios privilegiados chamados poetas. Sem harpa não ha menestreis; era no ataudé que descantavam os antigos bardos; o plectro foi como o distinctivo dos vates da Grecia e Roma. E n'estes instrumentos que reside symbolizada a dependencia do estro para com a palavra, da phantasia para com os meios mechanicos, porque a poesia não falla só ao espirito, dirige-se tambem aos sentidos, e é por isto que ella é arte.

Não se julgue, porém, d'esta longa dissertação que assentamos aqui base para fundamentar um largo capitolo de accusação ao sr. Novaes, como contraventor d'estas theorias que tem por fim o primor da forma poetica, como meio auxiliar da expressão do ideal. O que ahí dizemos dirige-se mais ás tendencias que actualmente notamos para desdenhar esta parte da arte, do que ainda aos individuos. Combatemos o facto, porque tememos de o ver erigido em doutrina, mas não apontamos especialmente a censura a ninguem. E muito mais que o poeta portuense, pelas mesmas razões instinctivas do seu talento poetico, porque a natureza sempre é accorde e completa nos favores que prodigalisa, possui o dom da versificação espontanea, e as suas obras são quasi sempre o fructo da impressão momentanea e o jacto facil do improviso.

Continua.

ANDRADE FERREIRA.

CHRONICAS MONASTICAS.

(Continuação.)

II

DA COMPANHIA DE JESUS.

Olhae para o vulto do grande apostolo das Indias, o primeiro missionario que Portugal expediu para as novas conquistas do afortunado D. Manuel; lêde a relação das suas longas peregrinações, e dos seus zelosos e santos trabalhos; admirae aquelle fervor com que o padre mestre Xavier se empregava no serviço de Deus e do grande rei que o expedira áquellas remotas paragens. Depois de bem avaliado tudo isto, dizei se não é justa a veneração com que a sua memoria ainda hoje é ali acatada mesmo pelos gentios!

S. Francisco Xavier dirigindo-se á India aportou em Moçambique, foi a Melinde, a Zocotora, correu toda a costa da Africa meridional, atravessou o mar Arabico, entrou na Asia, esteve em Goa, foi ao cabo Comorim, percorreu a costa da Pescaria, passou ao reino de Travancor, entrou em Ceilão, em Nagapatam, em Coromandel, foi a Meliapor, a Malaca, a ilha Amboino, correu o Macaçar, foi o primeiro que prégou nas Molucas, na ilha do Moro, em Ternate. Entrou no Japão, e esteve em Nangazaque, Omura, Arima, Bungo, Firando, Cangoxima, Amanguche. Finalmente prégou na corte de Meaco, aos Paravás, aos Malaioes, aos Jáos, aos Achens, aos Mindanaos, aos Malacenses, e aos Japões, acabando sua gloriosa

vida em 2 de Dezembro de 1552 junto ás portas da China, em Sacham, d'onde seu corpo foi trasladado para Malaca, e d'ahi para Goa; e canonisado pelo papa Gregorio xv.

Bem sabemos que uma das mais terriveis armas com que no seculo se tem combatido a Companhia de Jesus, é essa completa abnegação do ser individual que a ordem exigia do missionario, essa obediencia cega ás ordens do superior, em virtude do que ficava qual cadaver, sem vontade e sem instinctos proprios.

N'isto mesmo vemos a excellencia da sua constituição.

Não se hade censurar no soldado a cega obediencia aos seus superiores, obediencia que é a base essencial da verdadeira disciplina, e o primeiro passo para o commettimento d'essas acções heroicas que pelo rei e pela patria o soldado leva a cabo; e hade maldizer-se n'esta milicia de Christo, que, arredada da patria, tem de empenhar mais nobres luctas, mais rijos combates, nos quaes arrisca não só o corpo, mas extenua igualmente o espirito?!

As grandes vocações e as voluntarias abnegações existem de certo, e tem existido, mas são raras. É mister então exigil-as como cumprimento de um dever, como satisfação de um voto feito em proveito da comunidade. Obreiros isolados, trabalham todos para um fim commum. É mister portanto que um unico pensamento os dirija, e que o impulso que lhes dá acção seja sómente um. Diversos pensamentos, diversos impulsos operando por si haviam necessariamente produzir diversos resultados, e quando se tratasse de reunir n'um todo esses esforços isolados, a grande obra, o grande fim para que deviam tender encontrar-se-hia com partes heterogeneas, que se não poderiam combinar, coadunar e solidificar.

Vedetas avançadas e sentinellas perdidas d'esta milicia da religião e da civilisação — milicia que combate sempre dispersa, deviam necessariamente os missionarios ter por primarias instrucções a abnegação individual para saberem morrer heroicamente no seu posto, se tanto fosse mister para a salvação commum; deviam dar immediatamente parte ao superior dos mais pequenos acontecimentos; e como estes soldados de uma nova especie lidavam tambem para um fim novo e grandioso — o augmento da sciencia humanitaria, não deviam esquecer de estudar o paiz que pisavam, seguindo tudo quanto fosse conducente ao conhecimento scientifico, historico e economico da nação que se pretendia attrahir ao gremio da civilisação.

D'aqui nasceram os annaes d'essa famosa Companhia de Jesus, annaes que tamanho impulso deram n'essa epoca ás sciencias, e que ainda hoje são uma preciosa fonte de estudo, e um guia seguro para as descobertas modernas.

Appareceram publicas as primeiras relações d'estas viagens, e os homens que não haviam saído da patria, nem tinham visto povos tão differentes e tão diversos, duvidaram da exactidão d'ellas, lançaram á conta de fabulas as maravilhosas descripções que ali se faziam, e não duvidaram alcunhar o pobre missionario de mentiroso e visionario!

Seguiram-se depois os modernos viajantes; vieram apoz estes os commissionedos scientificos enviados pelos governos ás mais remotas paragens para as estudar; desinvolveu-se na humanidade esse furor *tourista* do seculo em que vivemos: em toda a parte foram encontrar os vestigios da Companhia de Jesus. As descripções que os novos viajantes nos fa-

zem, vem combinar com as relações do missionario que já desapareceu ha seculos de sobre a terra, e vingar-lhe assim a memoria, fazendo justiça á sua lealdade de historiador, e ao seu talento de justo apreciador!

Com as commissões scientificas, com o navegante explorador os estados despendem annualmente não pequenas sommas; e o pobre missionario cumpria esta ardua missão, unicamente pela obediencia do seu preceito, sem despendio algum para o paiz a quem fazia tamanho serviço.

Eis o que era a Companhia de Jesus. Eis o que significava aquella roupeta lá n'essas terras que o Indo e o Ganges banham, lá n'esses climas virgens descobertos por Colombo e Vespuccio. A patria deve de certo muito aos ousados navegantes e intrepidos guerreiros que n'essas paragens foram assentar o direito da corôa portugueza; porém não deve menos aos pobres missionarios que, evangelizando, alargaram as fronteiras da conquista.

Não ha duvida que a Companhia sabia acarinhar para o seu gremio os grandes talentos do paiz. Tinha para isso um poderoso meio na direcção suprema da mocidade estudiosa; porém isto mesmo que se lhe assaca por censura, é uma prova evidente de que ella sabia avaliar os engenhos quando apenas despontavam auspiciosos de esperanças, e moldar-lhes o emprego ás vocações fazendo-as convergir para augmento da comunidade. A pratica offerencia-lhe o ensejo de avaliar o merito individual, e aperfeiçoando-o e polindo-o assim n'aquellas famosas escolas de que os collegios e casas professas da Companhia eram modelo, ao cabo de annos o congregado saía um perfeito administrador, um excellente orador sagrado, um zeloso missionario, um profundo historiador, um attento viajante, ou um admiravel cathedratico.

Não se confundiam, como dissemos, as predisposições individuaes, não se trocavam as aptidões, não se arremessavam indistinctamente á vida as vocações de cada um. Na congregação havia de tudo para todos, mas não se applicavam todos a tudo — buscava-se o homem para o cargo, e não se creava o cargo para o homem. Eis porque a Companhia foi grande; eis como se illustrou; eis como se tornou poderosa.

Foi esta a sua monita secreta!

Por isso floreceu e muito dentro em dois seculos, por isso se fez respeitada pelos seus talentos, por isso se fez temida mesmo dos poderosos; e este talento, e este poderio foi o que lhe acarretou a sua ruina.

Chegada a epoca do cataclysmo não houve diatribes que se lhe não dirigissem, crimes que se lhe não attribuissem; profanação, violação, nem horror em que se não fizesse figurar algum dos seus membros!

A sentença correu primeiro em julgado por entre o povo mais credulo, e menos culto, e depois foi receber a sua chancellia na instancia superior do throno e do papado. Cortou-se-lhe pela defesa e pelas allegações como se cortara pela dos antigos templarios, e cobriu-se de horror o nome de um Malagrida, como se cobrira de infamia o do grã-mestre dos cavalleiros do Templo!

Então os bens da Companhia foram transferidos para o estado, como antigamente haviam tambem passado para a Igreja e para o estado os d'aquella famosa milicia.

Continua.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.